

A Obra de Armando Castro

Carlos Pimenta

Fev-00

O Homem

Alguém me dizia há uns anos que preferia não conhecer pessoalmente os poetas porque a beleza que a escrita lhes transmitia era infinitamente superior à rudeza descarnada dos comportamentos humanos. Não sei se tinha ou não razão mas tenho a certeza que no caso de Armando Castro a situação é radicalmente inversa. Para quem com ele conviveu não pode deixar de associar estreitamente o homem e a sua escrita.

Licenciado na Faculdade de Direito de Coimbra, obrigado a exercer a advocacia por necessidade de sobrevivência, afastado dos centros de ensino e investigação superiores no País até ao 25 de Abril, tem um dos maiores trabalhos de investigação e uma das mais volumosas obras publicadas em Portugal.

De fino trato, amável com todos e sempre disponível a ouvir opiniões alheias e com elas aprender, aparentando uma timidez enorme, com um discurso que não realçava devidamente a grandiosidade das suas ideias, era um optimista profundamente convicto das capacidades dos homens, não hesitando em considerar alguns dos seus percursos como inéditos ou em considerar algumas vertentes da sua obra como “um pouco antecipada no tempo”¹.

Vivendo numa época em que a especialização científica era a linha de força do labor intelectual, nomeadamente nas ciências sociais, e não tendo deixado de aproveitar essa vertente, a sua obra é, de como ele próprio se reconhece, de um generalista, de um homem que procura articular coerentemente contribuições científicas muito diversas. Aberto à informação faz com que cada novo elemento se transforme numa peça dum puzzle que sistematicamente se reconstrói.

Apesar das limitações tecnológicas e políticas da época em que viveu uma parte da sua vida, sem grande esforço poderia em diversos períodos se ter tornado um cidadão do mundo, ter tido o reconhecimento dos seus pares no estrangeiro. No entanto sempre viveu em Portugal, mesmo nas condições mais difíceis, sempre encarou a sua obra como um modesto contributo para a construção de uma sociedade melhor no nosso País, sempre assumiu a responsabilidade de validar científica e pedagogicamente a sua obra junto dos cidadãos portugueses.

Profundo conhecedor do marxismo, assumindo nas suas práticas pessoais e intelectuais uma postura de classe claramente concordante com essa leitura teórica, percebe que aquele é um edifício em permanente construção, uma

proposta de totalidade e de dialéctica que é necessário ajudar a construir. Trabalhando sempre com esse referencial não faz gala de terminologias ou frases feitas, seja porque a repressão fascista aguçava as camuflagens seja porque o materialismo dialéctico não precisa de “cartão de identidade” para ser reconhecido.

Visto desta forma há uma aparente “contradição” entre a simplicidade da sua maneira de ser e a grandiosidade da sua obra, a qual encontrou a sua superação num lúcido reconhecimento das barreiras ao conhecimento, encontrando as brechas a serem exploradas, numa metodologia de investigação construída e aplicada ao longo da vida, com uma vontade firme.

Uma Vasta Obra

Nas listagens das suas obras inventariam-se quase cem obras, entre livros, artigos, opúsculos. E quantas vezes uma simples referência bibliográfica (por exemplo, *Dicionário de História de Portugal*) engloba muitos trabalhos (neste caso 84 entradas no referido dicionário) ou tem uma vastidão imensa (*A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV* são 11 volumes de várias centenas de páginas cada um; *Teoria do Conhecimento Científico*, teve 5 volumes publicados).

Podemos considerar que a sua obra é composta por dois tipos de trabalhos: os que resultam das suas preocupações enquanto cidadão e intelectual, e as que resultam de pedidos que lhe são feitos e a que ele raramente sabia dizer que não.

Na primeira linha de motivação estão grande parte dos seus trabalhos: de *A Investigação Científica ao Serviço da Economia*, opúsculo publicado em 1945, a *O que é a Inflação (porque sobem os preços)* publicado em 1970 e que conheceu várias edições; de *Ensaio de História Económico-Social*, de 1967, a *Teoria do Sistema Feudal e Transição para o Capitalismo em Portugal*, publicado em 1987; de *História Económica de Portugal (Séculos XII a XV)*, publicado ao longo de muitos anos e que sem dúvida constitui a sua obra de história principal, a *História Económica de Portugal* de que foram publicados vários volumes; de *A Dominação Inglesa em Portugal*, publicado pela primeira vez em 1972, a *Lições de Economia II – A Economia Mundial Contemporânea*, editado em 1986; de *Introdução ao Estudo da Economia Portuguesa (Fins do Séc. XVIII a Princípios do Séc. XX)*, publicado em 1947, a *O Pensamento Económico no Portugal Moderno (De fins do século XVIII a começos do Século XX)*, publicado pela Secretaria de Estado da Cultura em 1980, de *Teoria do Conhecimento Científico*, a *A Epistemologia das Ciências Sociais do Homem e suas relações com a Psicologia*, publicado em 1976. Estas algumas das referências a que se juntariam muitas outras espalhadas entre 1945 e 1993ⁱⁱ

Alguns exemplos de trabalhos gerados por motivações “externas”. *O Sistema Colonial Português em África (Meados do Século XX)*, obra que exigiu uma deslocação às colónias portuguesas e que conheceu a primeira edição no estrangeiro, dada a impossibilidade de então (1959) ser publicada em Portugal, e que foi editada pela primeira vez em Portugal em 1978. *Camões e a Sociedade do seu Tempo*, editado em 1980 quando houve um esforço entre sectores da intelectualidade portuguesa de fazer uma releitura de Camões. Ou ainda *Luís de*

Albuquerque e o exercício da cidadania na investigação científica, publicado na Revista da Universidade de Coimbra, Vol. XXXV, 1989.

Se as motivações eram diferentes a qualidade é uniforme, ressaltando a sua capacidade de integrar no todo do seu universo conceptual as abordagens que eventualmente fazia de novos assuntos e temas.

Armando Castro gostava de divulgar de forma simples os seus conhecimentos, aproveitando para tal os colóquios, as aulas ou as simples conversas, mas nunca foi um divulgador dos conhecimentos científicos. Na sua bagagem intelectual transportava os seus saberes, cuidadosamente construídos e filtrados pela crítica, e não o conhecimento dos outros. Procurava sempre associar sobre cada assunto um conhecimento novo, uma nova interpretação, uma simples informação.

Os seus escritos concentram-se em três áreas do saber, se pretendermos utilizar a linguagem disciplinar a que estamos habituados: História, Economia e Epistemologia. Contudo para os seus textos contribuíram leituras, investigações e meditações em todas as áreas do conhecimento científico. Demonstram-nos, entre outros aspectos, as pastas de documentação deixada sobre diversas ciências e a sua paixão pela Astronomia, o cuidado colocado na Matemática apesar da sua dificuldade em lidar com os algoritmos e técnicas de cálculo, o entusiasmo manifestado pela Teoria do Caos.

Algumas notas sobre as áreas disciplinares que mais o atraiu.

A Economia

Armando Castro queria conhecer profundamente a sociedade portuguesa. Nas décadas de quarenta e cinquenta a escassez da produção científica nacional e a repressão faziam com que a obtenção desses conhecimentos passasse essencialmente por um esforço individual ou colectivo de estudo. Reconhecendo que não tinha qualquer aptidão para a actividade literária, adquirindo uma formação de investigador como autodidacta escolheu, como ele próprio diz, “do conjunto de actividades possíveis, o estudo da economia. Por um lado, para compreender os problemas económicos do nosso País (...); por outro lado, porque achava que era um ramo realmente importante de investigação”ⁱⁱⁱ.

As suas obras iniciais foram neste âmbito: *A Investigação Científica ao Serviço da Economia* (1945), *Alguns Aspectos da Agricultura Portuguesa* (1945) foram os seus primeiros trabalhos publicados. Depois surgem alguns que podem ser considerados de História, como *Introdução ao Estudo da Economia Portuguesa* (1947) mas será a História Económica um dos seus campos privilegiados de trabalho.

Não temos oportunidade de aqui fazer a listagem completa dos seus trabalhos, mas podemos afirmar que os seus estudos de Economia são muito variados, combinando a análise dos acontecimentos sociais e temas de maior relevância política num determinado momento; a reflexão sobre os fundamentos da própria ciência que utilizava; a compreensão da evolução do pensamento económico em Portugal no contexto mundial e ainda as preocupações pedagógicas no âmbito dos sistemas formais ou informais de ensino.

Estudos de Economia Teórica e Aplicada, abordando temas como o comércio externo, a conjuntura mundial, a programação económica, a alta dos preços e a

integração europeia, era de leitura obrigatória para os que viviam intensamente a situação política de 1968, ano da primeira edição, da responsabilidade da Seara Nova. *Desenvolvimento Económico ou Estagnação*, publicado dois anos depois, transformou-se material de estudo dessa geração. Quando a inflação era um dos problemas económicos mais sentidos pelos portugueses, surge o seu livro sobre a subida dos preços, já referido. *Portugal 1976: os Projectos Políticos e as Imposições Económicas* publicado em Março de 1976 na revista EC, fazia uma arguta análise da situação.

Sempre preocupado com a reflexão epistemológica e a compreensão da origem das coisas, um dos seus primeiros trabalhos, na “Revista da Economia”, foi *Origem e Destino da Teoria Subjectiva do Valor* (1948). Alguns anos mais tarde veio a dedicar atenção à história do pensamento económico em Portugal, nomeadamente com a publicação de três volumes da Biblioteca Breve do Instituto de Cultura Portuguesa: *As ideias económicas no Portugal Medieval (Séc. XIII a XV)*, 1978, *Doutrinas Económicas em Portugal (Séc. XVI a XVIII)*, 1978, *O Pensamento Económico no Portugal Moderno*, 1980.

Como obras mais ligadas à sua actividade docente, pode-se referir *Lições de Economia*, em dois volumes, editados numa colecção da Universidade Popular do Porto.

A História

A sua grande obra nesta área centrou-se nos séculos XII a XV, em livro de múltiplos volumes, constitui um referencial insubstituível no conhecimento do nosso passado.

Mas essa obra não é apenas a demonstração inequívoca da sua capacidade, é também a sua reflexão epistemológica sobre a história, a explicitação da metodologia conducente à formulação das leis histórico-económicas da sociedade de então.

Para Armando Castro fazer história é ter em conta todos os documentos, todas as informações, mas a reconstrução do passado não é a descrição do contingente ou um amontoar de enredos cujos significados se perdem no volume da informação. Para ele fazer história económica é, a partir dos dados, formular leis. É a compreensão do oculto para além dos fenómenos que lhe interessam.

Ao longo da sua vida a investigação histórica sempre esteve no centro das suas preocupações. A sua participação em dicionários e enciclopédias de cariz histórico (“Dicionário de História de Portugal”, de Joel Serrão, “História de Portugal” e “Dicionário Ilustrado da História de Portugal”, das Publicações Alfa ou “História de Portugal Contemporânea”, dirigida por João Medina) são disso uma prova. Também o são livros como *Ensaio de História Económico-Social* (1967), *Portugal na Europa do seu Tempo (História Sócio-Económica Medieval Comparada)* (1970), *A Dominação Inglesa em Portugal* (1974), *A Economia Portuguesa do Século XX (1900/1925)* (1973), *Lições de História de Portugal I e II* (1982, 1983), *Teoria do Sistema Feudal e Transição para o Capitalismo em Portugal* (1987) e outros.

O seu objectivo era escrever uma história económica de Portugal dos primórdios da nacionalidade até aos dias de hoje. Era essa a intenção ao começar na Editorial

Caminho uma *História Económica de Portugal*. Já não teve tempo de realizar o seu sonho, tendo sido publicados quatro volumes, sendo o último considerado intercalar: *A Classe Senhorial Portuguesa – Século XVI e XVII*.

A Epistemologia

Desde os primeiros trabalhos de Armando Castro assistimos frequentemente a considerações marginais ou complementares ao objecto de estudo, de natureza filosófica e metodológica. É provavelmente um dos grandes ensinamentos resultantes da sua formação marxista: o reconhecimento da importância da metodologia, a vigilância crítica, a utilização da lógica dialéctica, a consciência das limitações biológicas e sociais na formação do conhecimento e a possibilidade de rasgá-las parcialmente pela *praxis*.

Estando essas preocupações metodológicas presentes desde o início da sua obra, quando da redacção da *Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV* sente a necessidade de fazer uma primeira abordagem sistemática do problema e de apresentá-la aos seus leitores. Alguns dos capítulos deste trabalho são dedicados à reflexão filosófica^{iv}, particularmente importante se atendermos ao facto de se viver em fascismo e de serem grandes raridades textos com aquelas problemáticas.

Estas surgem em muitos outros trabalhos, alguns já citados, mas serão retomadas, de uma forma sistemática e numa nova perspectiva, em *Teoria do Conhecimento Científico*. Esta obra foi projectada para dezasseis volumes, mas “apenas” foram escritos oito e publicados cinco. A intensidade cognitiva desta obra e a vastidão de perguntas e respostas que coloca, no corpo central da obra ou em simples notas que constituem verdadeiros desafios, são espantosas. Tal ressalta do seu objectivo: construir uma ciência do conhecimento científico, a qual designava por Epistemologia, utilizando uma terminologia que já tinha alguma tradição mas com um significado diferente. E ao mesmo tempo lastimava-se de certamente já não vir a ter tempo para escrever uma ciência do conhecimento filosófico.

É interessante a comparação entre o que foi escrito quando da *Evolução Económica* e neste trabalho mais recente. Publicados com oito anos de diferença Armando Castro tem as mesmas preocupações, tem uma sequência temática similar mas as respostas são muito diferentes. Nos anos sessenta situava-se no campo da Filosofia da Ciência e na década seguinte na Ciência da Ciência. Uma mudança que reflecte novos conhecimentos e preocupações mas que também exprime as mudanças sociais registadas e a possibilidade do autor ter acesso a outros contextos da prática da investigação^v.

Velhos problemas que ocuparam a filosofia ao longo de milénios são tratados numa perspectiva científica utilizando os avanços do conhecimento em quase todas as disciplinas científicas.

Continuemos

Armando Castro fui um heterodoxo. Contra as modas, os saberes e poderes constituídos, ele traçou novos rumos intelectuais, exigiu uma reflexão crítica

científica sobre os nossos conhecimentos, alertou para a capacidade dos homens construírem colectivamente o seu futuro. Usou e mostrou a importância da dialéctica. Por isso foi incómodo.

A nossa consciência de intelectuais e orgulho de portugueses exige que estudemos a sua obra e a partir dela revelemos a nossa imaginação e inteligência.

i Veja-se António ALMODOVAR & Augusto Santos SILVA, “Entrevista ao Prof. Armando Castro”, Cadernos de Ciências Sociais nº 8/9, Fevereiro de 1990.

ii O último trabalho inédito publicado de que temos conhecimento é de 1993.

iii Entrevista citada, pág. 13.

iv Ocupam a quase totalidade dos volumes VI e VII, isto é, aproximadamente seiscentas páginas.

v Sobre a sua obra Epistemológica veja-se artigo que escrevemos para Vértice e que será objecto de publicação em breve.